

A FORÇA DOS MILITARES NA AMAZÔNIA

DRÁUZIO VARELLA*

Perfilados, os soldados aguardaram em posição de sentido, sob o sol do meio-dia. Eram homens de estatura mediana, pele bronzeada, olhos amendoados, maçãs do rosto salientes e cabelo espetado.

O observador desavisado que lhes analisasse os traços julgaria estar na Ásia. No microfone, a palavra de ordem do capitão: “Soldado Souza, etnia Tucano”.

Um rapaz da primeira fila deu um passo adiante, resolutivo, com o fuzil no

ombro, e iniciou a oração do guerreiro da selva, no idioma natal. No fim, o grito de guerra dos pelotões da fronteira: “Selva!”

Ouvir indígenas cantando o Hino Brasileiro no meio da floresta trouxe à flor da pele sentimentos de brasilidade que eu julgava esquecidos

O segundo a repetir o texto foi um soldado da etnia Desana, seguido de um Baniua, um Curipaco, um Cubeu, um Ianomâmi, um Tariano e um Hupda. Todos repetiram o ritual do passo à frente e da oração nas línguas de seus povos; em comum, apenas o grito final: “Selva!”

* N.R.: Dráuzio Varella é médico oncologista e cientista, formado pela Universidade de São Paulo. É conhecido por popularizar a medicina no Brasil por meio de programas de rádio e TV. Também é premiado escritor. Entre seus livros, destacam-se *Estação Carandiru* (que conta sobre seu trabalho de médico no presídio do Carandiru e que inspirou filme do diretor Hector Babenco), *Nas ruas do Brás* e *Florestas do Rio Negro*.

Depois, o pelotão inteiro cantou o Hino Nacional em português, a plenos pulmões. Ouvir aquela diversidade de indígenas, característica das 22 etnias que habitam o extremo noroeste da Amazônia brasileira há 2 mil anos, cantando nosso Hino no meio da floresta trouxe à flor da pele sentimentos de brasilidade que eu julgava esquecidos.

Para chegar à Cabeça do Cachorro é preciso ir a Manaus, viajar 1.146 quilômetros Rio Negro acima até avistar São Gabriel da Cachoeira, a maior cidade indígena do País. De lá, até as fronteiras com a Colômbia e a Venezuela, pelos rios Uaupés, Tiquié, Içana, Cauaburi e uma infinidade de rios menores, só Deus sabe.

A duração da viagem depende das chuvas, das corredeiras e da época do ano, porque na bacia do Rio Negro o nível das águas pode subir mais de dez metros entre a vazante e o pico da cheia. É um Brasil perdido no meio das florestas mais preservadas da Amazônia. Não fosse a presença militar, seria uma região entregue à própria sorte. Ou, pior, à sorte alheia.

O Comando dos Pelotões de Fronteira está sediado em São Gabriel. De lá partem as provisões e o apoio logístico para as unidades construídas à beira dos principais rios fronteiriços: Pari-Cachoeira, Iauaretê,

Querari, Tunuí-Cachoeira, São Joaquim, Maturacá e Cucuí.

Anteriormente formados por militares de outros estados, os pelotões hoje recrutam soldados nas comunidades

das redondezas. Essa opção foi feita por razões profissionais: “O soldado do sul pode ser mais preparado intelectualmente, mas na selva ninguém se iguala ao indígena”.

Na entrada dos quartéis, uma placa dá ideia do esforço para construí-los naquele ermo: “Da primeira tábuca ao último prego, todo material empregado nessas instalações foi transportado

nas asas da Força Aérea Brasileira, a FAB”.

Os pelotões atraíram as populações indígenas de cada rio à beira do qual foram instalados: por causa da escola para as crianças e porque em suas imediações circula o bem mais raro da região: salário.

Para os militares e suas famílias, os indígenas conseguem vender algum artesanato, trocar farinha e frutas por gêneros de primeira necessidade, produtos de higiene e peças de vestuário. No

quartel existe possibilidade de acesso à assistência médica, ao dentista, à internet e aos aviões da FAB, em caso de acidente ou doença grave.

Cada pelotão é chefiado por um tenente com menos de 30 anos, obri-

Não fosse a presença militar, seria uma região entregue à própria sorte. Ou, pior, à sorte alheia

O pelotão é chefiado por tenente, obrigado a exercer o papel de comandante, prefeito, juiz de paz, delegado, gestor de assistência médico-odontológica, administrador de programas e o que mais for necessário assumir nas comunidades das imediações, esquecidas pelas autoridades federais, estaduais e municipais

gado a exercer o papel de comandante militar, prefeito, juiz de paz, delegado, gestor de assistência médico-odontológica, administrador do programa de inclusão digital e o que mais for necessário assumir nas comunidades das imediações, esquecidas pelas autoridades federais, estaduais e municipais. Tais serviços, de responsabilidade de ministérios e secretarias locais, são prestados pelas Forças Armadas sem qualquer dotação orçamentária complementar.

Os quartéis são de um despojamento espartano. As dificuldades de abastecimento, os atrasos dos voos causados por adversidades climáticas e avarias técnicas e o orçamento minguado das Forças Armadas tornam o dia a dia dos que vivem em pleno isolamento um ato de resistência permanente.

Esses militares anônimos, mal pagos, são os únicos responsáveis pela defesa dos limites de uma região conturbada pela proximidade das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc) e pelas rotas do narcotráfico. Não estivessem lá, quem estaria?

Esses militares anônimos, mal pagos, são os únicos responsáveis pela defesa dos limites de uma região conturbada pela proximidade das Forças Armadas Revolucionárias da Co-

lômbia (Farc) e pelas rotas do narcotráfico. Não estivessem lá, quem estaria?

Lema do soldado da Amazônia

*“Senhor, tu que ordenastes ao guerreiro de selva, sobrepujai todos os vossos oponentes, dai-nos hoje da floresta a sobriedade para resistir, a paciência para emboscar, a perseverança para sobreviver, a astúcia para dissimular, a fé para resistir e vencer, e dai-nos também senhor a esperança e a certeza do retorno, mas, se, defendendo essa brasileira Amazônia, tivermos que perecer, oh Deus, que façamos com dignidade e mereçamos a vitória. **Selva!!!**”*

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<FORÇAS ARMADAS>; Exército do Brasil; Amazônia; Espírito de Corpo; Patriotismo;